

# A CRÔNICA DE EDESSA

Alfredo Bronzato da Costa Cruz  
*Introdução, tradução e notas*

Intitulada originalmente como *Narrativa resumida dos acontecimentos*, o texto mais conhecido entre os pesquisadores ocidentais como *Crônica de Edessa* é um curto relato histórico de eventos referentes à cidade de Edessa, moderna Urfa ou Sanliurfa, localizada cerca de oitenta quilômetros a leste do Rio Eufrates, atualmente no sudeste do território da Turquia. Preservada em único manuscrito de seis fôlios, datado do século VII, foi escrita em siríaco por um autor anônimo e é constituída por cento e seis entradas independentes, a maioria das quais começando com uma indicação precisa do ano à qual se referem, data sempre dada de acordo com a *Era Selêucida* ou *Anno Græcorum*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tratava-se do sistema de numeração dos anos usado pelo Império Selêucida (312-63 a.C.) e, de forma menos comum, por outros Estados helenísticos surgidos a partir da desagregação do domínio estabelecido por Alexandre, o Grande (356-323 a.C.). Partindo das regiões mesopotâmicas da Babilônia e da Assíria, os selêucidas expandiram seus domínios para incluir os territórios do Oriente Próximo que abrangem os atuais países do Iraque, Irã, Afeganistão, Síria e Líbano; no auge de seu poder, incluía também a Anatólia, toda a Pérsia, o Levante, a Mesopotâmia e o que hoje são o Kuwait, o Afeganistão e partes do Turcomenistão. O primeiro ano deste calendário normalmente foi situado como sendo o da reconquista da Babilônia por Selêuco I Nicátor (c.358-281 a.C.) depois de seu exílio no Egito ptolomaico, ou seja, o equivalente de 311/312 a.C. Muitas das comunidades estabelecidas nas regiões do antigo domínio selêucida adotaram e preservaram seu sistema de numeração de anos durante períodos mais ou menos longos. A aristocracia mesopotâmica usou-o de forma regular até substituí-lo gradativamente, ao longo dos séculos VIII e IX, pelo calendário islâmico - inclusive para os registros formais das casas nobres que permaneceram cristãs. Os escritos eclesiásticos siríacos utilizaram-no de forma consistente até os dias do mandato do Patriarca Miguel, o Grande (r.1166-1199), e foram encontradas lápides de cristãos na Ásia Central datadas em *Anno Græcorum* que remontam ao fim do século XIV d.C. Certas comunidades judaicas (como os judeus iemenitas), mantiveram seu uso regular até o século XX d.C., mas a maior parte delas o deixou de lado em sequência à reforma do calendário promovida por David ben Zimra (1479-1573) enquanto rabino-chefe do Egito (1517-1557). Quanto à divisão dos meses, a *Crônica de Edessa*, assim como os demais cronistas siríacos, utilizou uma versão adaptada do antigo sistema babilônico: 'Ádar (equivalente ao mês de março no calendário juliano e gregoriano), Nissân (equivalente ao mês de abril), 'ÿyâr (equivalente

O intervalo abrangido pela crônica inicia-se em 133-132 a.C., ou seja, no período pré-cristão, quando Edessa era a capital do reino (ora independente, ora semi-independente) de Osroene, governado pela dinastia dos Abgáridas (134 a.C.-242 d.C.), e vai até 540 d.C., quando a cidade era majoritariamente cristã e estava situada bem na confusa e sempre instável fronteira entre as zonas de influência romana e persa.

Para Ludwig von Hallier (1892), uma das fontes da *Crônica de Edessa* foi a *Crônica do Pseudo-Josué Estilita*, relato, efetivamente anônimo, que cobre a história do norte da Mesopotâmia entre 497 e 506-507, incluindo um detalhado relato do cerco de Amida pelos persas em 502. Esta obra, por sua vez, teve suas informações incorporadas à importante crônica siríaca medieval produzida no século VIII no Mosteiro de Zuqnân, perto de Amida, que o Pe. Giuseppe Simone Assemani (*m.*1768) erroneamente identificou como sendo da autoria de Dionísio I de Tellmah̄rê, Patriarca da Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia entre 818 a 845.<sup>2</sup> Já Witold Witakowski (1984-1986), estabelecendo com a argumentação de von Hallier uma relação de diálogo crítico, sustentou que o manuscrito agora existente da *Crônica de Edessa* bem pode ter sido baseado em uma crônica anterior mais longa, mas que não é fácil identificá-la, sendo que o mais provável é que tenha acabado se perdendo em algum momento; e que teria sido esse trabalho hipotético, e não diretamente a própria *Crônica de Edessa*, uma das fontes de várias crônicas siríacas posteriores. Walter Bauer (1971) argumentou que o texto é uma *costura literária* muito pouco retocada de informações provenientes de diferentes fontes: uma crônica real anterior à proclamação do cristianismo como religião de Estado de Orsoene por Abgar VIII bar Ma'nu (*r.*177-212); uma crônica eclesiástica de orientação gnóstica; uma crônica eclesiástica de orientação nicena; e uma crônica eclesiástica de orientação calcedônica. É mais ou menos

---

ao mês de maio), Ḥzîrân (equivalente ao mês de junho), Tammûz (equivalente ao mês de julho), 'Âb (equivalente ao mês de agosto), 'Îlûl (equivalente ao mês de setembro), Primeiro Têsrîn ou Têsrîn Qdîm (equivalente ao mês de outubro), Segundo Têsrîn ou Têsrîn 'Hrây (equivalente ao mês de novembro), Primeiro Kânôn ou Kânôn Qdîm (equivalente ao mês de dezembro), Segundo Kânôn ou Kânôn 'Hrây (equivalente ao mês de janeiro) e Sbât (equivalente ao mês de fevereiro). Por causa de algum descompasso entre a divisão dos meses e o início e fim do ano nos calendários siríaco e romano, eventualmente há uma diferença de um ano para mais na equivalência entre *Anno Græcorum* e *Anno Domini*.

<sup>2</sup> Para uma discussão competente sobre essa *Crônica do Pseudo-Dionísio*, incluindo os problemas referentes à determinação de sua autoria, ver Witakowski, 1987.

consensual entre os estudiosos que a *Crônica*, ou a narrativa da qual seria o resumo, preservaria excertos de documentos constantes nos antigos arquivos da cidade de Edessa, acervos que – também tendo sido consultados por Eusébio de Cesareia (m.339) e por Moisés de Corene (m.490) durante a elaboração de seus trabalhos históricos –, aliás, são mencionados de forma explícita ao fim do relativamente detalhado relato da enchente de 201 (§8).<sup>3</sup>

Talvez em direta relação com esta circunstância, neste texto há uma especial atenção dedicada aos danos causados pela inundação do rio que atravessa Edessa, o Daisân – também chamado na documentação grega de Scirtus –, em 201, 302, 413 e 525. Ela, de fato, traz sua primeira porção significativa de informação ao narrar a enchente que, no fim do mês de Têsrîn Ḥrây de 513 AG (novembro de 201), “destruiu a igreja dos cristãos” (§8). Por outra parte, eventos externos, como as incursões dos hunos em 403-404 e 531 e as relações entre os Impérios Bizantino e Sassânida, incluindo o cerco da de Kavâd, Amida (atual Diyarbakîr) e Edessa em 502-503, o tratado de paz de 532 e a invasão das tropas do *shahanshah* Cosroés Anûshîrâvân-e-âdel (r.531-579) ao território romano em 540, são mencionados de forma bastante breve. De acordo com Andrew Palmer (1990), este foco bastante específico nas inundações daquele que foi chamado pelos edessinos de *rio que salta* por sua tendência a não aceitar o curso que lhe era imposto pelas mãos humanas, pode estar relacionados aos planos do imperador Justiniano (r.527-565) de fazer desviar este curso d’água, de modo que ele fluísse ao redor da cidade e não através dela. Tal projeto foi referido por Procópio de Cesareia (*De æd.* 2:7) e, segundo o mesmo Palmer, foi efetivamente realizado após 540. Contudo, uma parte do curso anterior sobreviveu e, de fato, ainda sobrevive como o tanque de peixes chamado de Bîrket Ibrahîm, que a tradição local associou a Abraão. E os cristãos e muçulmanos que residem na cidade historicamente evitaram consumir as carpas que aí são criadas porque se diz que este patriarca lhes admirava de modo particular. Ao sul deste lago, há uma caverna escavada pela água na qual foi edificada uma igreja, convertida ainda antes do fim do século VII em mesquita, pois aí o mesmo Abraão teria nascido (Sinclair, 1990, p. 6).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> A respeito do uso da documentação de arquivo – e das fontes primárias de uma forma geral – na historiografia eclesiástica, ver o interessante ensaio de Grafton (1998, cap. 6, pp. 129-156) a respeito.

<sup>4</sup> Em uma caverna escondida sob a encosta da colina da antiga cidadela de Edessa, há uma segunda mesquita associada a Abraão, que também anteriormente havia sido uma igreja; neste local, o patriarca haveria se

Com exceção desses relatos das inundações, os registros da *Crônica de Edessa* são poucos e esparsos até o início do século IV, quando se menciona o bispo Qôna ou Qûne (§12). A partir deste ponto, as entradas tornam-se mais frequentes e mais substanciais, passando a fornecer com regularidade os nomes dos bispos da cidade. Há referências breves, mas significativas, a Teodoro de Mopsuéstia (§46), Rábula (§51 e §59) e Ibas de Edessa (§64, §60, §59 e §68), ao Concílio de Éfeso (§58), ao Segundo Concílio de Éfeso, dito *Latrocínio* pelos latinos e bizantinos (§63), ao Concílio de Calcedônia (§66), ao fechamento da Escola de Edessa em 488-489 (§73) e à política anticelcedônica do imperador Anastácio (§77, §83 e §84). A narrativa torna-se mais próxima, mais pessoal, quando relata a política religiosa dos imperadores Justino (r.518-527) e Justiniano, mencionando com empatia o *cuidado* e o *zelo* deste último em fazer reconhecer em todas as Igrejas “os quatro sagrados concílios, isto é, o de Niceia e o de Constantinopla, o primeiro de Éfeso e o de Calcedônia” (§88). Esse imperador ainda é exaltado respeitosamente com o título de *Mâr, senhor*, que o cronista via de regra aplicou a personagens eclesiásticos – seria um equivalente aos epítetos latinos *Dom* ou *Monsenhor* –, e chamado de “ilustre rei amigo de Deus” (§93 e §98). Tal circunstância faz com que seja razoável supor a fidelidade e perspectiva calcedônica do autor do relato. Em certo momento, dada sua clara filiação e fidelidade à antiga tradição eclesiástica antioquena, Sebastian P. Brock afirmou tratar-se esse de um “calcedônico com inclinações *nestorianas*” (1979-1980, p. 3). Séculos antes, o Pe. Assemani (1719, p. 387) havia sido muito mais entusiasmado a respeito disso, tendo assinalado a respeito do autor da

---

escondido para proteger-se do rei-caçador Nimrod. A tradição local cristã-muçulmana pode ter surgido e crescido a partir de uma transferência da associação com Abraão de Harã para Edessa. Há genuína evidência documental da presença deste patriarca bíblico em Harã – de onde teria partido, por mandato divino, para a terra de Canaã (Gn 11:32-12:5) –, mas esta cidade permaneceu uma cidade majoritariamente politeísta não só depois da cristianização do Império Romano, mas também sob o domínio dos Califas Omíadas e até um momento bastante tardio do domínio dos Califas Abássidas. A maior parte dos cristãos e dos muçulmanos desenvolveu genuína aversão pela adoração astral de cunho sincrético ainda florescente em Harã em um período tão avançado quanto o meado do século XI, enquanto que, por outro lado, a associação da cidade com Abraão pode ter parecido insignificante ou mesmo inconveniente para os politeístas que aí residiam e resistiam às diversas pressões missionárias de seu entorno. Os cristãos locais às vezes identificaram Edessa – Urhây ou Urhôi em siríaco e Or’ha em armênio – com a Ur dos Caldeus, terra do pai de Abraão, Taré, que a deixou em favor de Harã (Gn 11:27-32), cf. Sinclair, 1990, p. 6.

*Crônica de Edessa* que “é suficientemente claro que seguiu a fé católica, porque declara que admite quatro sagrados concílios até o ano de 838 dos Gregos <i.e. 526 d.C.>, e também porque rejeita expressamente os opositores dos concílios de Éfeso e Calcedônia, <desta forma> recomendando fortemente a sua ortodoxia, que era uma marca certa dos católicos da época em que viveu.” Também porque o anônimo autor “para de escrever justamente quando os pastores jacobitas <sic> começam a invadir aquela Igreja.”<sup>5</sup>

De outra parte, há não só a escassez de dados da *Crônica* sobre o cristianismo em Edessa antes do século IV, mas também a sua significativa omissão de certos personagens e eventos tradicionalmente associados a este período e local.<sup>6</sup> Não há aí, por exemplo, menção da história da correspondência do Rei Abgar IV Ukkâmâ (*m.c.50*) com Jesus Cristo e a missão de Judas Tadeu na região, narrada pela primeira vez por Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica* (t. I, §13) – episódios que este autor diz ter extraído da leitura de documentos dos arquivos de Edessa e traduzido para o grego desde o siríaco (t. I, §13:5.22).<sup>7</sup> Judas Tadeu teria sido sucedido como bispo da cidade por Addai, que por sua vez foi sucedido por Mari ou Mares, originalmente chamado de Palût, que teria sido ordenado por volta do ano 200 por Serapião de Antioquia (*r.190-211*), patriarca que, por sua vez, teria sido consagrado por Zeferino de Roma (*r.198-217*). Tais informações, que eventualmente adquiriram o estatuto de quase canônicas, foram transmitidas por Efrém de Nísibe (*m.373*) e pela *Doutrina de Addai* (fim do século IV ou início do século V), mas, além da cronologia truncada – por exemplo, exatamente onde, como e quando Zeferino teria consagrado Serapião, bispo já há quase dez anos antes da elevação do primeiro ao episcopado? – não há menção a nada disso na *Crônica de Edessa*. Igualmente aí não se relata nada sobre o *Mandylion*, que teria sido o primeiro ícone da história do cristianismo, produzido sem intervenção humana (*acheiropoeiton*), muito menos sobre o papel que ele

<sup>5</sup> De modo sucinto, *jacobita* é um termo pejorativo utilizado pelos calcedônicos para designar os miafisitas siríacos (e, de modo eventual, outros grupos de igual ou próxima cristologia), invalidando as suas reivindicações de origem apostólica ao fazê-los remontar tão somente à pregação do bispo missionário Jacó Baradeus (505-578). Ver *Apêndice*, §20.

<sup>6</sup> Mas se deve considerar, como observou Robert Devreesse (1945, pp. 293-294), que também os dados arqueológicos e epigráficos sobre a presença cristã anterior o século IV em Edessa são bastante pobres.

<sup>7</sup> A este respeito, ver por primeiro Mirkovic, 2004, mas também Ramelli, 2013, e, de forma conexa, Brock, 1992.

teria tido na defesa da cidade durante o ataque persa de 540 ou de 544 – um evento mencionado pela primeira vez, por Evágrio Escolástico (*m.590*), apenas no último quarto do século VI (*Hist. Eccles.* §4:27).<sup>8</sup> Também não há menção ao sínodo que teria se reunido em Edessa em 197 para decidir sobre a questão da data da celebração da Páscoa cristã e dos jejuns que deveriam precedê-la, um dos mais antigos registros significativos sobre a Quaresma (*Hist. Eccles.* t. V, §23:4).

Por outro lado, a *Crônica* menciona explicitamente os heresiarcas Marcião (§5), Bardesanes (§6) e Mânî (§10), uma circunstância que alguns autores consideraram bastante *suspeita*. Ora, Edessa foi um ambiente cultural e religioso no qual floresceu uma multidão de seitas cristãs, judeu-cristãs e sincréticas, de cunho mais ou menos gnóstico, nos primeiros séculos do cristianismo; e no qual escritos como as *Odes de Salomão* (século II), o *Evangelho de Tomé* (metade do século II), o *Evangelho do Senhor* e as *Antíteses* de Marcião (*m.160*), o *Discurso contra os Gregos* e o *Diatessarão* de Taciano (*m.180*), os *Atos de Tomé* (início do século III) o *Livro das Leis das Nações* de Bardesanes (*m.222*) foram compostos ou pelo menos gozaram de uma grande e bem documentada popularidade. A consideração de tais variáveis levou Bauer (1971) a desafiar a visão tradicional de que o cristianismo (paleo-)ortodoxo precedeu sua contraparte *herética* em Edessa, e a postular que, antes do século IV, vários grupos cristãos competiam na cidade não só pelos corações e mentes dos fiéis, mas pela capacidade de decidir o que podia ou não ser validamente definido como sendo *cristão*. Para esse autor,

A parte mais antiga da *Crônica* certamente é proveniente de uma época em que a lenda <da troca de correspondências com Jesus> de Abgar ainda não havia se enraizado em Edessa <e nem adquirido uma versão escrita, devidamente inserida em seus arquivos>, e de uma pessoa que ainda sabia que a história mais antiga do cristianismo em Edessa havia sido determinado pelos nomes de Marcião, Bardesanes e Mânî. Ora, o primeiro e o terceiro desse trio provavelmente nunca sequer estiveram em Edessa; de qualquer forma, a saída de Marcião da Igreja, mencionada na *Crônica* (§5), aconteceu não em Edessa, mas *em Roma*. A inclusão destes nomes em uma crônica local de Edessa, portanto, deve-se

<sup>8</sup> Sobre esse tema, ver Cameron, 1983, e Guscini, 2016, e, para alguns desdobramentos relevantes do assunto, Nicolotti, 2014, e Guscini, 2022.

dever menos ao relacionamento de suas pessoas com esta cidade do que às doutrinas que eles defendiam. Se estes três, e apenas estes – sem nenhum *bispo* ou *eclesiástico* ao lado deles – são especificados pelo nome antes dos bispos Qôna e Sha’ad (§12), então bem se pode deduzir que o autor cristão da *Crônica de Edessa* está a indicar que a forma de religião e de cristianismo que tais homens defendiam representa o que era o original para Edessa. O cristianismo organizado eclesiasticamente, com edifícios cultuais, cemitérios e bispos, aparece aí pela primeira vez apenas no início do século IV – época de Eusébio e do imperador Constantino – e, a partir de então, é que incessantemente determina o curso das coisas para o cronista (Bauer, 1971, pp. 21-22, destaques no original).

Por outro lado, o nome de Mari, Mares ou Palût, bispo de Edessa no século III, de quem Efrém se ressentiu que *os hereges* derivassem o nome d’*os ortodoxos*, chamando-os de *palûtianos*, apesar de ter seu ministério muito valorizado em documentos mais tardios, pode ter parecido ao compilador da *Crônica de Edessa* desimportante o suficiente para ser insensivelmente esquecido, ao passo que heresiarcas como Marcião, Bardesanes e Mânî foram por ele recordados. Partindo desta evidência, Bauer (1971, pp. 26-27 e 38ss) sustentou que teria sido apenas a partir dos bispos Qôna e Sha’ad, mencionados na *Crônica* na entrada referente ao ano 311 d.C., que o cristianismo *não-gnóstico* passou a tornar-se gradativamente a força hegemônica entre os cristianismos edessinos. E que, depois que o cristianismo *ortodoxo* conseguiu afirmar-se e tomar para si mesmo a designação de ser *simplesmente cristianismo*, fazendo os grupos *heterodoxos* serem representados como tendo sempre sido tardios, dissidentes da Igreja oficial e relativamente minoritários, a história destes caiu no esquecimento ou foi deliberadamente apagada. A *Doutrina de Addai* teria sido uma tentativa de reescrita da história do cristianismo edessino de um ponto de vista da ortodoxia há pouco estabelecida como hegemônica, uma versão que buscou estabelecer de modo intencional e calculado vínculos entre as Igrejas de Edessa, de Antioquia e de Roma e sustentar a precedência do cristianismo (paleo-)ortodoxo na cidade; como observou Marilia Fiorillo (2008, p. 220) em uma argumentação que seguiu bem de perto a de Bauer: “Tinham de provar que, se não eram os únicos, ao menos tinham sido

os primeiros.” Como mostraria a *Crônica de Edessa*, contudo, ou essa tentativa não foi universalmente aceita ou não foi levada muito a sério no princípio de sua difusão. Entretanto, a partir de outra perspectiva, Sidney H. Griffith (2009, pp. 291-292) minimizou as pretensões que Bauer e os que seguem sua linha argumentativa atribuíram à *Doutrina de Addai* sobre a memória e a crônica anterior do cristianismo edessino, compreendendo que elas só podem ser bem avaliadas se consideradas umas em relação às outras e em relação às práticas culturais e ao folclore edessino do século VI.<sup>9</sup>

Documento de grande relevância para o conhecimento da história do estabelecimento e do desenvolvimento inicial do cristianismo no ecúmeno siríaco, a *Crônica de Edessa* foi adquirida pelo Pe. Assemani no Mosteiro de Santa Maria dos Sírios em Wadî el-Natrûn, no deserto ocidental do norte do Egito, entre 1715 e 1717, em uma das viagens de coletas de manuscritos que fez ao Oriente Próximo sob o patrocínio do Papa Clemente XI (r.1700-1721). Assemani, que foi o responsável por incorporar o documento ao acervo da Biblioteca Apostólica do Vaticano (no qual foi identificado como *Vat. Syr.* 163), reconheceu a sua importância e o publicou com uma introdução, notas e uma tradução latina no primeiro volume de sua *Biblioteca Orientalis* (1719, pp. 387-417). Uma nova tradução latina deste texto foi preparada por Ignazio Guidi (m.1935) e publicada em 1903; mais tarde também surgiram edições em inglês, alemão e russo. Para esta tradução, consultou-se as edições latinas de Assemani e Guidi e, para fins de comparação, a tradução inglesa preparada por Benjamin Harris Cowper (m.1904) e publicada no *The Journal of Sacred Literature* em 1864. Para manter o ordenamento da narrativa, segui o ajuste cronológico-textual proposto por Assemani – que atribui a confusão precedente que encontrou nos fôlios a erros de copista – e reproduzido por Cowper, pois dispõem os tópicos constantes no manuscrito de acordo com a datação que lhe são explicitamente dadas, colocando antes o que veio antes e depois o que veio depois. Como apêndice a este texto, traz-se também a lista de bispos de Edessa que Assemani lhe juntou em sua *Biblioteca Orientalis* (1719,

<sup>9</sup> Griffith (2009, p. 292) também observou que o relato sobre Addai não foi chamada de *tâs 'yâtâ*, *narrativa*, como no título original da *Crônica de Edessa*, nem de *tash'îtâ*, *história*, termos utilizados por autores siríacos que queriam enfatizar não só a verossimilhança de seus relatos, mas sua *veracidade*. Foi chamada simplesmente de *malpânûtâ*, termo que significa *ensinamento*, *doutrina* e, em alguns raros contextos, até *parábola*, o que assinalaria a clareza de suas intenções apologéticas e edificantes, sua ênfase em temas teológicos e políticos em um sentido mais geral, e não a sua pretensão de ser um preciso relato histórico.



pp. 424-429). Cobrindo o período de 624 a 1080 AG, ou seja, 312 a 768 d.C., foi construída com base na leitura que esse importante erudito fez da mesma *Crônica de Edessa* e do relato que atribuiu (equivocadamente) à autoria do patriarca Dionísio I de Tellmahârê. Espera-se que o trabalho ora apresentado possa ser muito em breve superado por uma outra tradução ao português que seja feita diretamente dos textos siríacos preservados por Assemani e agora disponíveis para consulta na base de dados online da Biblioteca Apostólica do Vaticano a qualquer pesquisador interessado.

## Referências:

ASSEMANI, J. S. (org., trad., intr. e notas). *Chronicon Edessenum*. In: *Bibliotheca Orientalis Clementino-Vaticana in qua manuscriptos codices syriacos, arabicos, persicos, turcicos, hebraicos, samaritanos, armenicos, æthiopicos, græcos, ægyptiacos, ibericos & malabaricos, jussu et munificentia Clementis XI, Pontificis Maximi, ex Oriente conquistatos, comparatos, avectos & Bibliothecæ Vaticanæ addictos. V. 1: De Scriptoribus Syris Orthodoxis*. Roma: Typis Sacræ Congregationis de Propaganda Fide, 1719.

BAUER, W. *Orthodoxy and heresy in Earliest Christianity*. Tradução de R. A. Kraft et alli. Filadélfia: Fortress, 1971, cap. 1, pp. 1-43.

BROCK, S. B. Eusebius and syriac christianity. In: ATTRIDGE, H. W. & HATA, G. (orgs.). *Eusebius, christianity and judaism*. Detroit & Tóquio: Wayne State University Press & Yamamoto Shoten, 1992, pp. 212-234. away: Gorgias, 2018. Disponível online em <https://tinyurl.com/4wshr4a6> (acesso: set. 2022).

BROCK, S. P. Chronicle of Edessa. In: YARSHATER, E. (org.). *Encyclopædia Iranica*. Nova Iorque, Leiden & Boston: Encyclopædia Iranica Foundation & Brill, 1991, v. 5, n. 5, pp. 449-550. Disponível online em <https://tinyurl.com/hw8bxrrv> (acesso: set. 2022).

BROCK, S. P. Syriac historical writing: a survey of the main sources. *Journal of the Iraq Academy*. Bagdá, Iraq Academy of Sciences, sç. Syriac Corporation, n. 5, 1979-1980, pp. 1-30.

CAMERON, A. The history of the Image of Edessa: the telling of a story. *Harvard Ukrainian Studies*. Harvard, Harvard Ukrainian Research Institute, n. 7, 1983, pp. 80-94.

COWPER, B. H. Selections from the syriac. No. 1: The Chronicle of Edessa. *The Journal of Sacred Literature*. Londres, Williams and Norgate, new series, v. 5, n.9, 1864, pp. 28-45.

DEVRESSE, R. *Le Patriarcat d'Antioche depuis de la Paix de l'Église jusqu'à la Conquête Arabe*. Paris: J. Gabalda et C<sup>ie</sup>, 1945.

DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Tradução de C. Andrade. Petrópolis & São Paulo: Vozes & Paulus, 2002, ver. *Edessa*, pp. 443-444.

FIORILLO, M. P. *O Deus exilado: breve história de uma heresia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GRAFTON, A. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução de E. A. Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

GRIFFITH, S. H. The *Doctrina Addai* as a paradigm of christian thought in Edessa in the fifth century. *Hugoye*. Piscataway, Beth Mardutho & Gorgias, v. 6, n. 2, 2009, pp. 269-292.

GUIDI, I. (trad., intr. e notas). *Chronica Minora*. Paris & Leipzig: Typographeo Reipublicæ & Otto Harrassowitz, 1903. Coleção *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, série *Scriptores Syri*, v. 3, n. 4, sc. 2, pp. 1-13 (texto síriaco).

GUIDI, I. (trad., intr. e notas). *Chronica Minora*. Paris & Leipzig: Typographeo Reipublicæ & Otto Harrassowitz, 1903. Coleção *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, série *Scriptores Syri*, v. 3, n. 4, sc. 1, pp. 1-11 (tradução latina).

GUSCIN, M. *Recent studies on the Image of Edessa: iconography, history and theology*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022.

GUSCIN, M. *The tradition of the image of Edessa*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2016.

HALLIER, L. *Untersuchungen über die Edessenische Chronik: mit dem syrischen text und einer übersetzung*. Leipzig: Hinrichs, 1892.

KAZHDAN, A. P. et alli (orgs.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Nova Iorque & Oxford: Oxford University Press, 1991, v. 1, ver. *Chronicle of Edessa*, pp. 444-445.

MIRKOVIC, A. *Prelude to Constantine: the Abgar Tradition in Early Christianity*. Frankfurt-am-Main & Nova Iorque: Peter Lang, 2004.

NICOLOTTI, A. *From the Mandyliion of Edessa to the Shroud of Turin: the metamorphosis and manipulation of a legend*. Leiden & Boston: Brill, 2014.

PALMER, A. (org., trad., intr. e notas). *The seventh century in west-syrian chronicles*. Colaboração de S. P. Brock e R. G. Hoyland. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.

PALMER, A. Who wrote the Chronicle of Joshua the Stylite? In: SCHULZ, R. & GÖRG, M. (orgs.). *Lingua restituta orientalis: festgabe für Julius Assfalg*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990, pp. 272-284.

RAMELLI, I. The possible origin of the Abgar-Addai legend. *Hugoye*. Piscataway, Beth Mardutho & Gorgias, v. 16, n. 2, 2013, pp. 325-341.

SINCLAIR, T. A. *Eastern Turkey: an architectural and archaeological survey*. Londres: Pindar, 1990, v. 4.

VAN ROMPAY, L. Chronicle of Edessa. In: BROCK, S. P. et alli (orgs.). *Gorgias Encyclopedic Dictionary of the Syriac Heritage* <online>. 2ª ed. Piscataway: Beth Mardutho & Gorgias, 2018. Disponível online em <https://tinyurl.com/3x5tyjr7> (acesso: set. 2022).

WITAKOWSKI, W. *The syriac Chronicle of Pseudo-Dionysius of Tel-Mahrê: a study in the history of historiography*. Uppsala: Uppsala University Press, 1987.

§1. No 180º Ano dos Gregos <132 a.C.>, os reis começaram a governar em Edessa,

§2. No 266º Ano <46 a.C.>, César Augusto foi constituído como senhor dos romanos.<sup>10</sup>

§3. No 309º Ano <3 a.C.>, nasceu o nosso Senhor, Jesus Cristo.<sup>11</sup>

§4. No 400º Ano <88 d.C.>, o rei Abgar fez erguer um grande mausoléu para si mesmo.

§5. No 449º Ano <137 d.C.>, Marcião abandonou a Igreja Católica.

§6. No 465ª Ano <153 d.C.>, no décimo primeiro dia do mês de Tammúz, nasceu Bardesanes.

§7. No quinto ano de seu reinado, Lúcio César, juntamente com seu irmão, subjugou os partos aos romanos.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Neste ano, Júlio César, depois de conquistar vitórias decisivas sobre duas cruciais investidas senatoriais, recebeu poderes ditatoriais por um período de dez anos - um mandato que não chegou a cumprir, pois assassinado apenas dois anos depois - e foi novamente eleito como cônsul. No mesmo ano, protocolou oficialmente o testamento que nomeava seu sobrinho-neto, Caio Otávio, como seu principal herdeiro. Apenas em 27 a.C., que equivaleria a 274 AG, foi que este fez-se *Príncipe e Augusto*, o primeiro dos governantes do Império Romano enquanto tal.

<sup>11</sup> Segundo esta entrada, Jesus Cristo teria sido concebido em 4 a.C. e nascido em 3 a.C., um dado preciso, pois, de acordo com o que sabemos agora sobre o erro de cálculo envolvido na determinação do *Anno Domini*. Dionísio, o Exíguo (*m.544*), ao procurar fixar o ano 0 da Era Cristã o fez a partir do antigo calendário romano, que marcava os eventos a partir da fundação de Roma, *Ab Urbe Condita* (AUC). A partir do *Evangelho de Lucas* (3:1.23), e considerando que Jesus teria exatos trinta anos de idade no décimo quinto ano do governo de Tibério, e que Tibério sucedeu a Otávio Augusto em 19 de agosto de 767 AUC, esse monge concluiu que Jesus havia nascido em 753 AUC. Tal texto evangélico, contudo, não diz que Jesus tinha ao iniciar seu ministério público *exatamente trinta anos*, mas, sim, *mais ou menos trinta anos*; por outro lado, no *Evangelho de Mateus* (2:1) pontua-se que ele, sem sombra de dúvidas, nasceu antes da morte de Herodes, ocorrida em 749 AUC. Ora, a solução para esta aparente contradição passa pela lembrança de que Tibério iniciou seu governo como co-imperador de Otávio Augusto, quatro anos antes da morte deste; sendo assim, o décimo quinto ano do império de Tibério, utilizado pelo *Evangelho de Lucas* como um dos elementos que estabelecem um sincronismo entre a história profana e a história da salvação, teria ocorrido quatro anos antes do calculado por Dionísio.

<sup>12</sup> Não é muito fácil precisar a qual conflito faz-se aqui referência. Desde que a expansão da República Romana e a do Império Parto fizeram com que estes Estados se interessassem pelas mesmas regiões na Mesopotâmia e no Cáucaso, a partir do meado do século I a.C., diferentes conflitos, raramente decisivos, foram protagonizados pelas partes. Um foco de particular atrito

§8. No 513º Ano <201 d.C.>, durante o governo do rei Severo<sup>13</sup> e do rei Abgar, filho do rei Ma'anon<sup>14</sup>, nos últimos dias do mês de Têsrîn 'Hrây, a fonte d'água que procede do grande palácio de Abgar, o grande rei, aumentou muito em volume e prevaleceu sobre os canais e as ruas; subindo de acordo com o seu antigo curso, transbordou e

---

era o Reino da Armênia. Em 20 a.C., Otávio Augusto conseguiu tornar a região um protetorado romano, aí fazendo entronizar um rei cliente, Tigranes III (r.20-8 a.C.). Essa influência manteve-se segura até 37 d.C., quando um aristocrata apoiado pelos partos, Orodes, assumiu o trono. Seu rival, Mitrídates, apoiado pelos romanos, recuperou seu trono em 42 e se colocou sob a proteção do imperador Cláudio (r.41-54). Entretanto, foi deposto em 51 por um *player* relativamente autônomo, o príncipe ibérico Radamisto, seu sobrinho. O governo deste, por sua vez, foi bastante impopular, o que permitiu que os partos, a pedido da aristocracia armênia, intervissem para depô-lo e instalar seu irmão mais novo, Tirídates, no trono. Com a retirada das tropas partas, Radamisto retomou brevemente ao poder, mas, ainda mais impopular, acabou deposto e expulso por seus próprios súditos em 54. A recondução de Tirídates ao trono, coincidindo com a sucessão imperial em Roma, foi o ensejo para que o recém-elevado imperador Nero (r.54-68) se decidisse por intervir na região, escalando a situação até a guerra romano-partas de 58 a 63. Lúcio César (17 a.C.-2 d.C.), neto de Otávio Augusto, de fato, não só viveu em período anterior a esta confrontação, mas não participou de nenhum embate direto com os partos. Certamente o atrito com a Pártia, mesmo a ameaça de guerra, era iminente desde que os romanos tornaram-se mais influentes na Armênia, e, para evitar as hostilidades, o rei parto Fraates V (r.2 a.C.-4 d.C.) e Caio César (20 a.C.-4 d.C.), o irmão mais velho de Lúcio, chegaram a certo acerto diplomático em 1 d.C. Através deste, os partos comprometeram-se em se retirar da Armênia e reconhecer o protetorado romano sobre esta região em troca dos romanos abandonarem a pretensão ao controle de algumas regiões da Mesopotâmia e do norte da Península Arábica. Lúcio César nunca chegou a governar propriamente, e parece ter tido importância apenas associado a seu irmão; estava completando seu treinamento militar na Hispânia enquanto Caio estava na Armênia negociando com os partos; e morreu jovem, sendo sua relevância política extraída muito menos de qualquer característica ou atuação sua do que do fato de, com seu irmão, ter sido designado herdeiro por Otávio Augusto. Tudo isto faz com que seja pouco evidente o motivo dele figurar justamente como figura nesta entrada da *Crônica de Edessa*.

<sup>13</sup> Referência ao imperador romano Sétimo Severo (r.193-211). É interessante a equivalência ou relação de simetria que o cronista constrói ao designar pelo mesmo título de governo os imperadores romanos, os monarcas de Osroene e os *shahanshahs*.

<sup>14</sup> Trata-se de Abgar VIII bar Ma'nu (r.177-212). Seu pai, o rei Ma'nu VIII bar Ma'nu governou de 139 a 163, foi deposto por Wa'el bar Sahrû, candidato ao trono de Osroene apoiado pelos partos, e, reinstalado com ajuda dos romanos, governou pela segunda vez de 165 até a sua morte, em 177.

correu para fora dos limites que lhe foram estabelecidos por engenho em todos os sentidos, de modo que as cortes, as varandas e as casas reais ficaram todas cheias de água. Quando nosso senhor, o rei Abgar, viu o que ocorria, subiu até o terreno plano que se encontra na colina acima de seu palácio, onde residem os que fazem os trabalhos do governo. E, enquanto os sábios consideravam o que fazer àquelas águas que haviam aumentado tanto, aconteceu que houve uma grande e violenta chuva durante a noite, e o Rio Daisân veio, subindo fora tanto de seu dia quanto de seu mês de costume. Vieram então até o entorno da cidade águas que lhe eram estranhas, sendo detidas apenas pelas comportas dos aquedutos, que eram presas com grandes peças de ferros que a elas se sobrepunham, e que também eram sustentadas por outras tantas barras de ferro. Sem poder prevalecer contra estas barreiras, as águas ergueram-se como um grande mar além dos muros da cidade, e, depois de certo tempo, começaram a vazar das aberturas da muralha para o seu interior. E o rei Abgar, que estava na grande torre, naquela que era dita *dos Persas*, viu este aguaceiro à luz das tochas e ordenou que se abrissem as portas e as oito comportas da muralha oeste da cidade, para que todo o volume de água que ali se concentrava pudesse escoar. Mas, nesta mesma hora, as águas partiram essa muralha, romperam a face ocidental de Edessa, entrando em seu interior e pondo ao chão o grande e belo palácio de nosso senhor, o rei; e elas levaram consigo tudo o que se encontrava diante delas, assim como os belos e desejáveis edifícios que se erguiam no interior do burgo, quaisquer que fossem, principalmente os que estavam perto do rio, tanto ao sul quanto ao norte de seu curso habitual. A inundação destruiu a igreja dos cristãos, e morreram por sua causa mais de duas mil pessoas, muitas das quais ainda à noite, enquanto dormiam, pois as águas vieram de repente e afogaram-nas, e toda a cidade se encheu de lamento.<sup>15</sup> § Quando o rei Abgar viu a destruição que havia tido curso, ordenou que todos os trabalhadores da cidade removessem suas habitações de perto do rio, dispondo que mais nenhum homem construísse perto de seu curso a sua residência. Pela sabedoria daqueles que mensuram e dos homens de habilidade, as habitações foram colocadas em partes tais de modo que a largura do rio pôde ser ampliada, e eles ampliaram

<sup>15</sup> Do uso da expressão “a igreja dos cristãos” fica claro que os notários da cidade e os arquivistas que notaram e registraram tal acontecimento eram gentios, não cristãos. Mas Eusébio registra em sua *História Universal* <i.e. a *Crônica Universal*>, a partir da leitura de <Sexto Júlio> Africano, que o rei Abgar, sob o qual isso aconteceu, era cristão. (Nota de Assemani).

uma boa extensão à sua medida anterior. Pois, se as águas eram muitas e fortes, isso era porque a largura do rio era muito pequena para receber os vinte e cinco riachos que nele desaguavam, vindo de todos os lados, antes de se acercar dos limites da cidade. E o rei Abgar ordenou que todos os que vivessem em alpendres, esses e aqueles que estivessem ocupados contra o rio, desde o primeiro dia de Têsrîn Qdîm até o primeiro de Nissân, não deveriam alojar-se em suas casas, com exceção dos ilhéus que guardavam a cidade, aqueles chamados de gazirenos, cinco dos quais deveriam deitar-se no muro acima do lugar onde as águas entravam na cidade durante todo o inverno, de modo que, quando percebessem de noite algo de anormal, ouvindo o som de águas estranhas que ali chegassem, quando elas começassem a entrar na cidade, avisassem os demais; e quem ouviste este som e o negligenciasse, quem por algum motivo não o tornasse conhecido, eis que as águas deveriam abafar o desprezo daquele que despreza o mandamento do rei.<sup>16</sup> E este mandamento foi assim decretado no tempo em que se deram tais coisas, devendo permanecer subsistente e válido até o fim do mundo. § Sob a ordem de nosso senhor, o rei Abgar, foi-lhe construído um novo edifício para ser a sua morada real – uma casa de inverno em Tabara – e lá ele habitou todo o tempo da estação fria; mas, no verão, desceu ao novo palácio que foi erguido para ele na cabeça da fonte de Edessa. E seus nobres também construíram para si novos edifícios por vivenda, no bairro em que o rei estava, mesmo na rua principal deste, que é chamada de *Bêth Saharôyê*. E para restaurar o bem-estar da cidade, para se voltar ao que ali se vivia antes, o rei Abgar dispôs que os tributos devidos por aqueles que habitavam em seu interior, assim como pelos que moravam na circunvizinhança, nos campos assim como nas cidades e aldeias, fossem remidos; e o tributo não lhes foi cobrado por um período total de cinco anos, até que a cidade tivesse sido enriquecida com homens laboriosos e coroada com novos edifícios. § Então Mâr Yahâb bar Shemesh e Mâr Kajûma bar Mahârtat, os escribas de Edessa, registraram este evento e as disposições do rei Abgar que se lhe seguiram; e Bar Dîn e Bûlîd, que eram os prefeitos dos arquivos de Edessa, receberam e depositaram dentro deles estes registros, na condições de fiadores da memória da cidade.

**§9.** E no 517º Ano <205 d.C.>, Abgar fez construir um palácio em sua própria cidade.

**§10.** No 551º Ano <239 d.C.>, nasceu Mânî.

<sup>16</sup> Ou seja, que deveria ser afogado no mesmo rio.

§11. No 614º Ano <302 d.C.>, nos dias do rei Diocleciano, no mês de Íyâr, foram rompidos pela segunda vez os muros de Edessa.<sup>17</sup>

§12. No 624º Ano <312 d.C.>, o bispo Qôna lançou os alicerces da <nova> Igreja de Edessa; Sha'ad, o bispo que o sucedeu, continuou a edificar e terminou a estrutura.

§13. No 635º Ano <323 d.C.>, Aitállâha tornou-se bispo de Edessa, e fez construir o cemitério dos cristãos e o anexo oriental da Igreja.<sup>18</sup>

§14. No 636º Ano <324 d.C.>, nos dias do bispo Aitállâha, um ano antes do grande concílio de Niceia, o cemitério de Edessa foi inaugurado.

§15. No ano seguinte <637 AG, ou seja, 325 d.C.>, reuniu-se em Niceia um concílio de trezentos e dezoito bispos.

§16. No 639º Ano <327 d.C.>, houve ampliações e novas obras na Igreja de Edessa.

§17. No 649º Ano <337 d.C.>, morreu Mâr Tiago, bispo de Nísibe.

§18. No 657º Ano <345 d.C.>, Abraão tornou-se bispo de Edessa, e fez construir a Capela dos Confessores.

§19. No 660º Ano <348 d.C.>, Constâncio, filho de Constantino, edificou a cidade de Amida.

§20. E no ano seguinte, o 661º <349 d.C.>, Constâncio construiu Tela, erguendo-a sobre aquela cidade que antigamente era chamada de Antípolis.

§21. No 667º Ano <355 d.C.>, Abraão de Chîdôn, um eremita, tornou-se bispo.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Novamente por uma inundação causada por cheia extraordinária do Rio Daisân.

<sup>18</sup> Assemani chamou a atenção para a tradição siríaca existente em seus dias sobre um Santo Aitilabam, às vezes também dito Aitilabum, do qual poucas informações se haviam retido no passar dos séculos, mas que bem poderia ser o mesmo que o bispo aqui referido. Também recordou que nas listas sobreviventes de eclesiásticos que subscreveram as decisões do Concílio de Niceia encontram-se os nomes Ethilaus, Ætholaus e Ætolus, que bem poderiam ser (qualquer um deles) uma variação romanizada de Ethalaha ou Aitállâha. As antigas coleções canônicas siríacas, contudo, não registram esse nome ou qualquer uma de suas variantes, assinalando como sendo Abselamûm o nome do bispo de Edessa que teria sido signatário da documentação nicena - e recordando que ele era sobrinho de Efrém de Nísibe. Por outro lado, as listas episcopais edessinas, não registram este nome, que figura em alguns autores como sendo o de um presbítero edessino não só contemporâneo de Aitállâha, mas por ele ordenado sacerdote.

<sup>19</sup> Mais conhecido como Abraão de Qîdûn, Abraão de Bêth Kidûnâa, ou Abraão Kidunaia (296-366), cujo ministério e martírio foram cantados Efrém

§22. No 670º Ano <358 d.C.>, Nicomédia foi posta abaixo.<sup>20</sup>

§23. No 672º Ano <360 d.C.>, Mâr Abraão, bispo de Edessa, deixou o mundo.

§24. E no mesmo ano, Vologeses, bispo de Nísibe, também partiu deste mundo.

§25. E no mesmo ano, Barsés <Barsê>, bispo de Harã, veio a Edessa, por comando do rei.<sup>21</sup>

§26. No 674º Ano <362-363 d.C.>, no mês de Hẖzârân, o rei Juliano desceu, fez a guerra com os persas, e nela morreu.<sup>22</sup>

§27. No 675º Ano <363-364 d.C.>, no mês de Sbât, Valentiniano, o Grande, tornou-se rei, juntamente com Valente, seu irmão.

§28. No 678º Ano <366 d.C.>, Mâr Juliano Saba partiu do mundo.

§29. No 681º Ano <369 d.C.>, construiu-se o grande Batistério de Edessa.<sup>23</sup>

---

de Nísibe, e que é atualmente celebrado como santo pelas Igrejas Católica Romana e Ortodoxa do Oriente (em 29 de outubro), pela Igreja Síriaca Ortodoxa (em 24 de outubro), pela Igreja Síriaca Católica (em 14 de dezembro) e pela Igreja Copta Ortodoxa (em 29 de julho).

<sup>20</sup> Por um grande terremoto.

<sup>21</sup> Ou seja, como embaixador do imperador Constâncio II (r.337-361), então de passagem por aquela região. No outono de 360, o *shahanshah* Shâpur II (r.309-379), depois de ter se recusado a receber uma embaixada romana em Ctesifonte, liderou suas tropas em nova invasão da Mesopotâmia. Tendo chegado a Constantinopla as notícias de que os persas haviam tomado Amida, Kiphas e Ad-Tigris e destruído Singara, Constâncio partiu para o Oriente para enfrentá-los. Quando solicitou para tanto os reforços das tropas romanas estacionadas na Gália e na Hispânia, contudo, as legiões assim requeridas proclamaram seu comandante, Juliano (331-363), César do Ocidente e primo de Constâncio, como novo Augusto. Constâncio não conseguiu responder de imediato a esta usurpação, a não ser tentando convencer Juliano por cartas a renunciar a ela. Depois de passar o início de 361 tentando, sem sucesso, retomar a cidadela de Ad-Tigris, retirou-se para Antioquia. Tendo acertado uma trégua de um ano com os persas, procurou deslocar-se para enfrentar as forças leais a Juliano, mas, muito doente, morreu em Mopsuéstia, na Cilícia, no início de novembro de 361. Pelo que se depreende mais adiante (§32), a embaixada determinada por Constâncio desdobrou-se em outra coisa, pois Barsê (que Assemani recorda em sua lista episcopal como Barsimeu) efetivamente deixou a cátedra de Harã para assumir a de Edessa.

<sup>22</sup> A campanha de Juliano contra os persas iniciou-se nos primeiros dias de março de 363, com a partida desde Antioquia das tropas por ele lideradas, e terminou no fim de junho do mesmo ano, após o imperador ter sido mortalmente ferido na indecisa Batalha de Samarra.

<sup>23</sup> Literalmente *Casa de Batizar, Bêth Ma'amûdîtho*.



§30. No 684º ano <372 d.C.>, no nono dia do mês de Hẓrân, partiu do mundo Mâr Efrém, o Sábio.

§31. E no mês de ʿÎlûl desse mesmo ano, as pessoas tiveram de abandonar a Igreja de Edessa, por causa da perseguição dos arianos.

§32. No 689º Ano <377 d.C.>, no mês de ʿĂdar, Mâr Barsés, bispo de Edessa, partiu deste mundo.

§33. E no vigésimo dia do mês de Kânôn Qdîm do mesmo ano, os ortodoxos retomaram para si a Igreja de Edessa.

§34. Naqueles dias, no mesmo ano em que Teodósio, o Grande, tornou-se rei, Mâr Eulógio tornou-se bispo.<sup>24</sup> Ele fez construir a Capela de São Daniel, que foi também chamada de Casa de Mâr Dêmêt.

§35. No 692º Ano <380 d.C.>, Teodósio, o Grande, fez construir em Osroene a cidade de Reshʿaynâ,

§36. No 693º Ano <381 d.C.>, reuniu-se um concílio de cento e cinquenta bispos em Constantinopla.

§37. No 698º Ano <386 d.C.>, na Sexta-feira da Crucificação, o bispo Mâr Eulógio partiu deste mundo.

§38. No 705º Ano <393 d.C.>, no vigésimo segundo dia do mês de ʿĂb, trouxeram a Edessa o *glossocom* <esquife> de Mâr Tomé, o Apóstolo, que foi depositado em seu grande templo por Mâr Ciro, que então era o bispo.

§39. No 706º Ano <394-395 d.C.>, no dia dezessete do mês de Kânôn ʿHrây, partiu deste mundo Teodósio, o grande rei. No dia vinte e sete de Nissân, Arcádio entrou em Constantinopla. No oitavo do Segundo Têsrîn, o corpo de Teodósio foi velado e sepultado na mesma cidade.

§40. No mês de Tammûz do mesmo ano, os hunos atravessaram a fronteira e ingressaram no território dos romanos.

§41. No 707º Ano <395 d.C.>, no vigésimo segundo dia do mês de Tammûz, Mâr Ciro, bispo de Edessa, partiu deste mundo.

§42. No 708º Ano <396 d.C.>, Mâr Silvano tornou-se bispo de Edessa.

§43. No 710º Ano <398 d.C.>, no dia dezessete do Primeiro Têsrîn, Mâr Silvano, bispo de Edessa, partiu deste mundo.

§44. No dia vinte e três do Segundo Têsrîn daquele mesmo ano, Mâr Pakîda, tornou-se bispo de Edessa.

§45. Ainda nesse mesmo ano, ergueu-se João Crisóstomo, bispo em Constantinopla.

<sup>24</sup> Ou seja, em 378-379 d.C., equivalente 690 AG.

§46. No 714º Ano <402 d.C.>, Teodoro, bispo de Mopsuéstia, iniciou a sua exposição das Sagradas Escrituras.

§47. No 715º Ano <403 d.C.>, o *kashîsha* <presbítero> ‘Apsâmya, filho da irmã do bendito Mâr Efrém, iniciou a composição de *madroshé* <poemas épicos> e discursos sobre a entrada dos hunos no território dos romanos.

§48. No 720º Ano <408 d.C.>, na *neomenia*<sup>25</sup> de ‘Âb, Mâr Pakîda, bispo de Edessa, partiu deste mundo.

§49. E naquele mesmo ano, Mâr Diógenes tornou-se bispo em Edessa, e começou a construir a Capela de São Barlaão.

§50. No 721º Ano <409 d.C.>, Cirilo tornou-se bispo em Alexandria, a Grande.<sup>26</sup>

§51. No 723º Ano <411 d.C.>, Rábula tornou-se bispo em Edessa. Ele fez construir a Capela de Santo Estêvão, que tinha sido anteriormente uma sinagoga<sup>27</sup> dos judeus. Ele aí a ergueu por ordem do rei.<sup>28</sup>

§52. No 724º Ano <412-413 d.C.>, nos dias de Honório e Arcádio, os reis vitoriosos, os muros de Edessa foram rompidos novamente, pela terceira vez, pela água de uma enchente.<sup>29</sup>

§53. No 732º Ano <420 d.C.>, surgiu o monge Eutíquio, que rejeitou a Encarnação.

§54. Naquele tempo, o bendito Jacó, o Mutilado, foi feito mártir.

§55. No 739º Ano <427 d.C.>, a heresia daqueles que dizem que o pecado foi implantado na natureza tornou-se conhecida.<sup>30</sup>

<sup>25</sup> Primeiro dia da lua nova.

<sup>26</sup> De fato, Cirilo foi elevado ao trono patriarcal de Alexandria em 18 de outubro de 412, depois da morte de seu predecessor, Teófilo, três dias antes.

<sup>27</sup> Literalmente *Casa de Sábado, Bêth Sabbath*.

<sup>28</sup> Então o jovem imperador Teodósio II (401-450), tutelado por Antêmio (383-415), prefeito pretoriano da Província do Oriente, responsável pela construção em Constantinopla da tão famosa quanto resiliente Muralha Teodosiana (408-413).

<sup>29</sup> Mais adiante, precisa-se que isso ocorreu em uma terça-feira, no dia equivalente a 18 de março, e o nome de Teodósio foi devidamente substituído pelo de Arcádio, que então já estava morto há cinco ou seis anos. (Nota de Cowper). Honório foi imperador romano do Ocidente de 393 a 423, enquanto seu irmão, Arcádio, foi imperador romano do Oriente de 395 a 408.

<sup>30</sup> Apenas por esta frase, é difícil deduzir a qual sistema de crenças o autor da *Crônica* se refere. Por exemplo, ele estaria designando como heréticos aqueles que diziam que o pecado havia sido introduzido na Criação também

§56. No 740º Ano <428 d.C.>, André, bispo de Samósata, tornou-se famoso.

§57. No 741º Ano <429 d.C.>, caiu grande quantidade de pó do céu.

§58. No 742º Ano <430-431 d.C.>, reuniu-se o primeiro concílio em Éfeso.

§59. No 746º Ano <434 d.C.>, no oitavo dia de ‘Âb, Rábula, bispo de Edessa, partiu deste mundo. O grande Ibas sucedeu-o nesta função. Ele fez construir a nova igreja, que agora é chamada de Capela dos Apóstolos.

§60. No 749º Ano <437 d.C.>, nos dias do excelente Mâr Ibas, um senador trouxe uma grande mesa de prata, sobre a qual fez depositar setecentos e vinte quilos de prata, para colocá-la como oferta votiva na antiga Igreja de Edessa.

§61. Nesses mesmos dias, Anatólio, o Estratego, mandou forjar um grande sarcófago de prata em honra dos ossos de São Tomé, o Apóstolo.

§62. No 756º Ano <444 d.C.>, Dióscoro tornou-se bispo em Alexandria, a Grande.

§63. E reuniu-se novamente em Éfeso uma outra assembleia.<sup>31</sup> Esta anatematizou o grande bispo Flaviano de Constantinopla, Domo de Antioquia, Irineu de Tiro, Ibas de Edessa, Eusébio de Dorileia, Daniel de Harã, Sofrônio de Tella e Teodoreto de Ciro.

---

por permissão, ou até determinação, divina, ou aqueles que argumentavam que o pecado de Adão havia efetivamente alterado a natureza da Criação e se tornado, desta forma, pecado original, que estendeu a hereditariedade da morte e da culpa a todo ser criado? E o fato desta entrada ter sido curiosamente ignorada pelos comentadores também não ajuda em nada a esclarecer sua natureza e finalidade específica.

<sup>31</sup> Trata-se do sínodo de 449 (equivalente a 761 AG), que os latinos e bizantinos designaram como *Latrocínio de Éfeso*. Convocado por Teodósio II e presidido por Dióscoro de Alexandria, pretendia ser um concílio ecumênico - e como tal foi aceito, ainda que com certas reservas, pela maior parte das comunidades miafisitas -, mas, a partir de 451, foi rejeitado como herético pelos cristãos que assumiram como ortodoxa a cristologia promulgada no Concílio de Calcedônia. O Segundo Concílio de Éfeso adotou uma interpretação bastante fechada da formulação de Cirilo de Alexandria sobre a unicidade do Verbo encarnado, construindo uma base teológica para um acerto - realizado apenas de modo efêmero - entre miafisitas e monofisitas (incluindo os eutiquianos). Também foi cenário do linchamento do patriarca Flaviano de Constantinopla.

§64. No 759º Ano <447-448 d.C.>, no primeiro dia do Segundo Kânôn, o bispo Ibas partiu de Edessa.<sup>32</sup> No vigésimo primeiro dia do mês de Tammûz, Nono sucedeu-lhe nesta sé, e nela permaneceu governando por dois anos. Ele fez construir uma nova *hierateion* <sacristia> na antiga Igreja da cidade.

§65. No 760º Ano <448 d.C.>, ergueu-se Leão, bispo de Roma.<sup>33</sup>

§66. No 762º Ano <450-451 d.C.>, reuniu-se um concílio na cidade de Calcedônia.

§67. No 763º Ano <451 d.C.>, Mâr Isaac, um compositor e arquiandrita, tornou-se famoso.

§68. No 769º Ano <457 d.C.>, no vigésimo oitavo dia do Primeiro Têsrîn, Ibas, o bispo de Edessa, partiu para o seu descanso eterno, e Nono sucedeu-lhe no episcopado. Ele fez construir a Capela de São João, o Batista, e também um lugar para abrigar os pobres e inválidos, fora do Portão de *Bêth Shemesh*; e, junto a este abrigo, fez erguer uma Capela dos Mártires, dedicada aos Santos Cosme e Damião. Também edificou conventos, torres e trechos de muralha, fez pontes e nivelou estradas.

§69. No 771º Ano <459 d.C.>, no segundo dia do mês de 'Îlûl, ao tempo da undécima hora do quarto dia da semana, o bendito Simeão Estilita partiu deste mundo.

§70. No 777º Ano <465 d.C.>, Leão fez construir Calínico em Osroene, nomeando-a, mais tarde, por causa de seu próprio nome, de Leontópolis; fez também com que ali se instalasse um bispo.<sup>34</sup>

§71. No 782º Ano <470 d.C.>, Nono, bispo de Edessa, partiu para o seu descanso eterno, e Ciro sucedeu-o no episcopado.

§72. No 795º Ano <483 d.C.>, Leôncio rebelou-se contra Zenão, reinando em Antioquia por dois anos.

§73. No 800º Ano <488 d.C.>, a Escola dos Persas foi erradicada de Edessa.

<sup>32</sup> Há aqui um problema com a cronologia, pois Ibas de Edessa foi deposto apenas um ou dois anos *depois*, por determinação do Segundo Concílio de Éfeso, realizado, conforme já referido, em 449.

<sup>33</sup> Novamente, há aqui um problema com a cronologia, pois Leão foi eleito papa de Roma em 29 de setembro de 440 (equivalente a 752 AG).

<sup>34</sup> Não se trata do antes mencionado homônimo papa de Roma, falecido em 10 de novembro de 461, mas do imperador do Oriente Flávio Valério Leão, mais conhecido como Leão, o Trácio, ou Leão, o Açogueiro, que foi aclamado imperador em 7 de fevereiro de 457 e permaneceu no governo até sua morte, em 18 de janeiro de 474.

§74. No 809º Ano <497 d.C.>, no mês de Íyâr, o tributo de ouro foi perdoado aos artífices em toda a terra.

§75. Neste mesmo ano, no sexto dia do mês de Hẓîrân, Ciro, bispo de Edessa, partiu para o seu descanso eterno. Pedro, entrando em Edessa no duodécimo dia do mês de Úlûl ainda daquele ano, sucedeu-o no episcopado.

§76. No 810º Ano <498 d.C.>, numerosos gafanhotos apareceram nos campos ao redor da cidade <de Edessa>, mas não fizeram danos demasiados, não prejudicaram muito a colheita; de fato, não demorou muito até que as plantas crescessem novamente. Houve um grande terremoto em meado do ano. O banho quente dos íberos ficou por três dias fora de funcionamento depois deste incidente. A cidade de Nicópolis veio quase inteira ao chão, sepultando a maioria de seus habitantes; foram salvos apenas o santuário, o bispo e dois de seus sincelos. No mês de Kânôn Hṛây apareceu no céu um sinal que era como uma lança de fogo, e ele aí permaneceu por muitos dias.

§77. O rei Anastácio depôs Eufêmio, arcebispo de Constantinopla, e instalou Macedônio como patriarca em seu lugar.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Episódio ocorrido em 496 (equivalente a 808 AG). Instalado no trono patriarcal em 490, Eufêmio imediatamente rompeu com a política conciliatória que seu predecessor havia dirigido aos miafisitas, proclamou a cristologia calcedônica como ortodoxa e procurou restabelecer a comunhão com Roma, que havia sido rompida em 484. Antes da ascensão de Anastácio I Dícoro ao trono, em maio de 491, Eufêmio fez com que ele assinasse uma profissão de fé pró-calcedônica, mas eventualmente surgiram graves atritos entre os dois, pois o imperador defendeu uma política religiosa que, de inicialmente conciliatória, tornou-se cada vez mais decisivamente miafisita. Durante a Guerra Isáurica (492-497), Eufêmio foi acusado de revelar os planos do exército imperial aos revoltosos, e, no meado de 496, o prelado foi quase assassinado na saída da sacristia da Basílica de Santa Sofia por um soldado enviado por Anastácio ou desejoso de acumular mérito junto a ele. Em seguida a este episódio, o imperador exigiu que o patriarca lhe devolvesse a profissão de fé que havia assinado antes de sua entronização, mas Eufêmio recusou-se terminantemente a isso; então o monarca reuniu às pressas os bispos que estavam na capital e organizou um sínodo para acusar e julgar o eclesiástico que lhe resistia. Eufêmio foi assim deposto e excomungado, mas o povo reuniu-se ao seu redor, recusando-se a entregá-lo aos homens do imperador. Temendo pela sua vida e procurando evitar um banho de sangue, o prelado refugiou-se no Batistério constantinopolitano e recusou-a se a sair dali até que o patriarca recém-nomeado por Anastácio, Macedônio II, assegurasse que nenhuma violência seria feita a ele ou aos seus defensores e que poderia partir para o exílio sem maior dano. Macedônio encontrou-se com Eufêmio em bons termos - por exemplo, recusando-se a vestir os paramentos patriarcais para se apresentar ao seu malfadado antecessor e concedendo-lhe uma boa soma de dinheiro para que arcasse com suas despesas pessoais - e obteve que saísse de Constantinopla em segurança e

§78. No 811º Ano <499 d.C.>, vieram muitos gafanhotos, que destruíram os campos e devoraram todos os gêneros de coisas que estavam prontas para a colheita.

§79. No 813º Ano <501 d.C.>, no vigésimo segundo dia do mês de 'Âb, um grande fogo surgiu no lado norte da cidade e ardeu até muito depois de anoitecer, durante toda a noite.

§80. No 814º Ano <502 d.C.>, no quinto dia do Primeiro Têsrîn. Cavades, rei dos persas, levantou cerco contra Amida, cidade da província de *Bêth Naharôthâ*<sup>36</sup>, e pôs-se a lutar com seus defensores. O cerco durou por noventa e sete dias, depois dos quais os persas tomaram esta praça-forte.

§81. E no mês de 'Îlûl desse mesmo ano, os persas vieram e levantaram cerco também contra Edessa. Pela graça de Deus, contudo, não fizeram nenhum mal à cidade e seus habitantes, exceto terem queimado a Igreja de São Sérgio e a Capela dos Confessores, adjunta à basílica de *Bêth Maudiné*.

§82. No 821º Ano <509 d.C.>, Pedro, bispo de Edessa, foi para o descanso eterno durante a Vigília da Ressurreição. Paulo foi nomeado para sucedê-lo.

§83. No vigésimo primeiro ano do reinado do rei Anastácio<sup>37</sup>, este ordenou que se abrisse o esquife de Santa Eufêmia, a Mártir, daí se tirasse o tomo que fora posto neste local pelos bispos que haviam constituído o Concílio de Calcedônia e outorgado o seu símbolo como ortodoxo, e se atirasse o volume ao fogo. Quando foram obedecê-lo, contudo, saiu um grande fogo do caixão, que feriu os rostos e as mãos daqueles que procuravam tomar consigo o livro. Por causa deste prodígio, Anastácio teve de se abster de vê-lo retirado dali e queimado.

---

relativo conforto. O eclesiástico deposto foi exilado em Ancira e aí faleceu em 515, reconhecido como o legítimo patriarca da capital imperial pelos patriarcas calcedônicos de Antioquia e de Jerusalém. Mais tarde, em 511, por sua recusa em se declarar contra o Concílio de Calcedônia, também por iniciativa de Anastácio, Macedônio II foi quase igualmente acusado, julgado, deposto, excomungado e exilado.

<sup>36</sup> *Bêth Naharôthâ* é uma variante (algo incomum) de *Bêth Nahraîn*, entre (dois) rios, o nome siríaco da região conhecida a partir dos relatos gregos como Mesopotâmia. Geograficamente, refere-se às áreas entre e ao redor dos rios Tigre e Eufrates, assim como seus afluentes, região que abrange aproximadamente quase todo o atual território do Iraque, partes do sudeste da Turquia, do noroeste do Irã e do nordeste da Síria. O nome é encontrado também em árabe, *Bâyn al-Nahrayn*, e outras variantes siríacas menos comuns incluem *Bêth Nahrawwâtâ*, entre os rios, e *Meş'ât Nahrawwâtâ*, o meio dos rios.

<sup>37</sup> Ou seja, 511 ou 512 (equivalente a 823 ou 824 AG).

§84. Logo depois, contudo, ele fez depor Macedônio, arcebispo de Constantinopla, porque ele não se dispunha a anatematizar o Concílio <de Calcedônia>. Timóteo foi nomeado para sucedê-lo.<sup>38</sup>

§85. No vigésimo quarto ano do reinado do mesmo Anastácio<sup>39</sup>, o general Vitaliano rebelou-se contra ele.<sup>40</sup>

§86. No 829º Ano <517-518 d.C.>, no nono dia do mês de Tammûz, o rei Anastácio partiu deste mundo. Justino tornou-se senhor dos romanos em seu lugar.

§87. No segundo ano do reinado do rei Justino, que foi o 830º Ano <518-519 d.C.>, ele fez com que se expulsassem de Antioquia o patriarca Severo, e Xenaias <Filoxeno> de Mabbûg, e todos aqueles que não recebiam como ortodoxos os quatro concílios ecumênicos.

§88. Ora, isto se deu por causa do cuidado e do zelo do <futuro> rei Justiniano, que fez escrever nos dípticos da Igreja as fórmulas referentes aos quatro sagrados concílios, isto é, o de Niceia e o de Constantinopla, o primeiro de Éfeso e o de Calcedônia.

§89. No 831º Ano <519-520 d.C.>, no quarto dia do Segundo Têsrîn, chegaram a Edessa alguns patrícios que tinham vindo de Constantinopla para julgar e, sendo o caso, remover o bispo Paulo de sua sé. Estes homens deram-lhe a opção de fazer uma das duas coisas: ou receber a fórmula do concílio ecumênico <de Calcedônia como ortodoxa> e continuar em sua cátedra, ou, caso não estivesse

<sup>38</sup> A deposição de Macedônio II e a instalação de Timóteo como patriarca de Constantinopla ocorreu em 511 (equivalente a 823 AG).

<sup>39</sup> Ou seja, em 515 (equivalente a 827 AG).

<sup>40</sup> A rebelião de Vitaliano contra Anastácio teve diversas etapas, mas iniciou-se em 513 (equivalente a 825 AG), não muito depois dele ter sido designado como *comes foederatorum*, ou seja, como responsável pela liderança dos soldados germânicos recrutados pelo exército romano oriental, e parece ter sido motivada pelo ressentimento mais ou menos generalizado nas regiões europeias então submetidas a Constantinopla em relação às políticas militares, sociais e religiosas do imperador. Em 515, vendo que Anastácio não cumpriria as promessas que lhe havia feito no ano anterior, quando havia marchado com os homens que lhe eram leais em direção à capital imperial, Vitaliano novamente se dispôs a atacar a cidade. Desta vez, contudo, suas forças foram decisivamente derrotadas pelos soldados liderados por Marino, antigo prefeito pretoriano da Província do Oriente, que havia se tornado o mais influente e confiável dos conselheiros de Anastácio. Desanimado, o general retirou-se durante a noite de volta para o norte da Trácia, onde se escondeu pelos três anos seguintes, até ressurgir, nos últimos dias de Anastácio, liderando novo, mas muito menor, levante armado nessa região.

convencido da validade desta, abdicar de sua função e retirar-se da cidade. Paulo, contudo, não foi persuadido a fazer nenhuma destas coisas, mas, tendo medo, fugiu e foi refugiar-se no Batistério. Quando os romanos constataram que o bispo não se convenceria a fazer nenhuma das duas coisas que lhe davam como opção, temendo a ira do rei contra suas próprias cabeças, deram ordens a seus homens para que o retirassem à força do Batistério e o levassem como exilado a Selêucia. Quando a notícia de tais fatos chegou a Constantinopla, entretanto, o rei deu ao bispo permissão para que voltasse a Edessa e reassumisse sua função, na esperança de que, por esta liberalidade, ele se arrependesse de sua posição anterior e recebesse de bom grado a fórmula do concílio. Assim sendo, Paulo retornou da Pérsia e retomou a sua sé, mas se recusou novamente a subscrever a fórmula de Calcedônia. Depois de quarenta e quatro dias, vendo o rei de que ele não se convenceria a colaborar, deu ordens para que fosse mandado <como exilado> a Euchata, na Paflagônia. Paulo partiu de Edessa no vigésimo sétimo dia de Tammûz, do 833º Ano <521 d.C.>. Asclépio foi nomeado para sucedê-lo, e entrou em Edessa no vigésimo terceiro dia do Primeiro Têsrîn do mesmo ano, pouco menos de três meses depois da deportação de Paulo.

§90. Pouco depois de assumir a sé, no vigésimo quarto dia do Primeiro Kânôn, Asclépio, o novo bispo de Edessa, expulsou da cidade todos os monges orientais que ali se encontravam, juntamente com todos os religiosos que a eles haviam se aliado em sua crença, porque eram justamente esses os que não queriam dar o seu consentimento à fórmula do concílio de Calcedônia.

§91. No 836º Ano <524-525 d.C.>, pela quarta vez, águas numerosas invadiram Edessa durante o período das chuvas, derrubando suas muralhas, ponto abaixo as moradias, afogando as suas crianças e, enfim, realizando na cidade uma imensa destruição.

§92. Por ocasião dessa inundação, Asclépio fugiu de Edessa e refugiou-se em Antioquia, cidade onde então Eufrásio era o patriarca, e aí permaneceu durante mais ou menos setenta dias. No vigésimo sétimo dia do mês de Hẓîrân do mesmo 836º Ano <525 d.C.>, Asclépio morreu, ainda em Antioquia, e aí mesmo foi sepultado. Ainda neste ano, contudo, no quarto dia do mês de 'Îlûl, seu corpo foi trasladado a Edessa, onde foi sepultado junto ao corpo de Mâr Nono, o Episcopo, seu antecessor, na Capela de São Barlaão.

§93. Quando <o exilado> Paulo ouviu a notícia de que Asclépio estava morto, arrependeu-se de sua posição anterior e enviou uma petição



a Mâr Justiniano através dos patrícios que haviam vindo até Edessa para julgar o seu caso. Enviou também um requerimento ao patriarca Eufrásio, confessando-se ortodoxo. Por causa de sua epístola ao ilustre rei amigo de Deus, Mâr Justiniano, enviada através dos patrícios, ele pode retornar a Edessa e reassumir a sua sé. Ele entrou na cidade no oitavo dia de Âdar do 837º Ano <526 d.C.>, menos de um ano após a morte de Asclépio.

§94. O bispo Paulo, depois que voltou para a sentar-se na cátedra de Edessa pela terceira vez, viveu por mais oito meses menos oito dias. De fato, no trigésimo dia do Primeiro Têsrîn do 838º Ano <526 d.C.>, este episcopo partiu para o seu descanso eterno.

§95. E André sucedeu a Paulo no episcopado. Ele entrou em Edessa e assumiu a sé no sétimo dia do mês de Sbât do mesmo 838º Ano <527 d.C.>.

§96. No vigésimo nono dia do mês de Íyâr do 837º Ano <526 d.C.>, uma sexta-feira, à sétima hora, houve um grande e violento terremoto, que pôs abaixo grande parte de Antioquia, soterrando a maioria de suas crianças e sufocando um número imenso de seus habitantes.

§97. Nesse grande terremoto morreu também Eufrásio, o Patriarca, sepultado debaixo de grande quantidade de entulho das casas, que caiu sobre sua cabeça. Diz-se que ele ficou clamando por socorro por um dia inteiro embaixo dos escombros antes de vir a perecer. Depois dele, Efrém de Amida, que tinha sido conde da Província do Oriente, tornou-se o arcebispo de Antioquia.

§98. No primeiro dia de Nissân do 838º Ano <527 d.C.>, Mâr Justiniano foi aclamado como César. No décimo dia do mês de Âb do mesmo ano, o rei Justino foi para o seu descanso eterno, de modo que Mâr Justiniano passou a governar sozinho.

§99. No décimo quinto dia do Segundo Têsrîn do 839º Ano <527 d.C.>, ocorreu um grande incêndio em Antioquia. Ele queimou quase tudo o que restou de pé depois do grande terremoto, além de praticamente todos os campos do entorno. A origem deste fogo, entretanto, continua desconhecida.

§100. No mês de Tammûz do 842º Ano <530 d.C.>, Mar Demóstenes chegou até Edessa para comandar as forças da guarnição romana ali estabelecidas.

§101. No décimo oitavo dia do Primeiro Kânôn do 843º Ano <531 d.C.>, os hunos ingressaram no território romano, saqueando e assolando com grande confusão e violência até o país dos alepianos e

o *dodecaton* <décimo segundo marco> desde Antioquia.<sup>41</sup> Por causa da aflição a isso associada, Mâr Demóstenes adoeceu e morreu enquanto se encontrava estacionado com suas tropas na cidade de Tella, no décimo dia do Segundo Kânôn do mesmo ano.

**§102.** Ainda neste mesmo período, no mês de 'Îlûl do 843º Ano <531 d.C.>, Mâr Rufino, o Patrício, conseguiu estabelecer um acordo de paz entre os persas e os romanos. Esta trégua prolongou-se por sete anos.

**§103.** No Primeiro Kânôn do 844º Ano <532 d.C.>, Mâr André, bispo de Edessa, partiu deste mundo para o seu descanso eterno. Ele foi sepultado na Capela de São Barlaão junto aos ossos de Mâr Nono e Mâr Asclépio. Addî sucedeu-o no episcopado, e ingressou em Edessa e assumiu a sé no vigésimo oitavo dia do mês de 'Âb do 844º Ano <533 d.C.>.

**§104.** No quinto dia do Primeiro Têsrîn do décimo terceiro ano do governo de Justiniano, que foi o 850º Ano <539-540 d.C.><sup>42</sup>, apareceu no céu um sinal como uma lança de fogo.

**§105.** No mês de 'ÿyâr do mesmo ano <540 d.C.>, Cosroés, rei dos persas, quebrou a trégua que havia sido estabelecida com os romanos, atravessou a fronteira do império, devastou Shûra<sup>43</sup>, Alepo e Antioquia, tomou posse da Apameia e voltou-se até chegar às muralhas de Edessa. A graça de Deus, contudo, protegeu a cidade, e ele não fez nenhum mal aos seus habitantes. Os ricos homens de Edessa apresentaram-se fora de seus portões e, ingressando no acampamento persa, deram a Cosroés

<sup>41</sup> Os marcos se referem aos sinais de pedra colocados juntos das estradas romanas para indicar-lhes a distância em relação a um ou outro local - no caso, a partir de Antioquia em direção à fronteira pela qual os hunos ingressaram. O *país dos alepianos* é a cidade de Alepo e seu entorno, que, nos séculos V e VI, era uma região densamente povoada, sendo neste período Alepo a segunda maior cidade da Síria Romana (depois de Antioquia) e a terceira maior cidade do Império Romano do Oriente (depois de Alexandria, Constantinopla e Antioquia).

<sup>42</sup> De acordo com o §98, Justiniano tornou-se imperador em 838 AG (equivalente a 527 d.C.), de modo que o décimo terceiro ano de seu governo seria efetivamente 851 AG (equivalente a 540 ou 541 d.C., a depender do mês) e não 850 AG (equivalente a 539 ou 540 d.C., a depender do mês).

<sup>43</sup> Também Sura ou Surîya, antiga cidade às margens do Rio Eufrates, localizada cerca de 25 km a oeste de Raqqah e 35 km ao norte de Rêsâfa - ou Sergiópolis -, atualmente no norte do território sírio. Sede de uma das guarnições romanas instaladas no interior da Síria, foi fortificada por Diocleciano e, mais tarde, por Justiniano para servir de anteparo contra investidas persas e árabes. Tornou-se assento episcopal no início do século V e, como considerável parte das outras dioceses sírias, viu-se não muito mais tarde dividida entre calcedônicos e miáfisitas.

a soma de duas centenas de talentos de ouro como resgate pelos seus. Então os persas retiraram-se novamente para seus domínios, nem nada infligir aos edessinos.

**§106.** Conforme pudemos aprender pela leitura destas anotações, desde que o Messias ascendeu em glória até o seu Pai todo poderoso, as águas derrubaram quatro vezes as muralhas da abençoada cidade de Edessa, pondo abaixo as suas torres, arrastando as suas casas e afogando os seus filhos. A primeira vez que seus muros foram postos abaixo pela inundação foi, de acordo com o cômputo dos gregos, no Segundo Têsrîn do 513º Ano, nos dias em que Severo era o rei dos romanos. A segunda vez em que suas paredes foram rompidas pela cheia foi no mês de Ýyâr do 614º Ano, nos dias do governo de Diocleciano. A terceira vez em que isso se deu foi no décimo oitavo dia do mês de Ádar do 724º Ano, uma terça-feira, quando governavam Honório e Arcádio, os ilustres reis, e Mar Rábula era bispo da cidade. E a quarta vez em que foram destruídos foi no 836º Ano, nos dias do rei Justino, quando Asclépio era bispo em Edessa.

### *Apêndice: Lista dos bispos de Edessa de 624 a 1080 Anno Græcorum*

- §1.** Qôna, que presidiu a Igreja de Edessa até o 624º Ano <312 d.C.>.
- §2.** Sha'ad, que manteve o governo episcopal do 624º ao 634º Ano <322 d.C.>.
- §3.** Aitallahas, ordenado no 635º Ano <323 d.C.> e falecido no 657º Ano <345 d.C.>.<sup>44</sup>
- §4.** Abraão, ordenado no 657º Ano e falecido no 672º Ano <360 d.C.>.
- §5.** São Barsimeu <Barsê>, transferido de Harã para Edessa no 672º Ano, faleceu nesta cidade no mês de março do 689º Ano <377 d.C.>.
- §6.** Santo Eulógio, ordenado no 690º Ano <378 d.C.>, faleceu na sexta-feira antes da Páscoa no 698º Ano <386 d.C.>.
- §7.** Ciro, ordenado no 698º Ano, faleceu no dia 22 de julho do 707º Ano <395 d.C.>.
- §8.** Silvano, ordenado no 708º Ano <396 d.C.>, faleceu no dia 17 de outubro do 710º Ano <398 d.C.>.
- §9.** Pakîda, ordenado no dia 23 de novembro do 710º Ano, faleceu no dia 1º de agosto do 720º Ano <408 d.C.>.
- §10.** Diógenes, ordenado no 720º Ano, faleceu no 723º Ano <411 d.C.>.

<sup>44</sup> Ver nota n. 18 *supra*.

§11. Rábula, ordenado no 723º Ano, faleceu no dia 8 de agosto do 746º Ano <444 d.C.>.

§12. Ibas, ordenado no 746º Ano, foi expulso de Edessa em 1º de janeiro do 759º Ano <447 d.C.><sup>45</sup>, retornou à sua sé no 762º Ano <450-451 d.C.>, e faleceu no dia 28 de outubro do 769º Ano <457 d.C.>.

§13. São Nono, que assumiu a cátedra episcopal de Edessa em substituição a Ibas no dia 21 de julho do 759º Ano. Permaneceu nela assentado até o 762º Ano, quando Ibas recuperou a cátedra para si por decreto do Concílio de Calcedônia. Tendo morrido este no 769º Ano, Nono novamente assumiu o governo episcopal de Edessa, até o 782º Ano <470 d.C.>, quando ele mesmo faleceu.

§14. Ciro, ordenado no 782º Ano, faleceu no dia 6 de junho do 809º Ano <497 d.C.>.

§15. Pedro, ingressou em Edessa no dia 12 de setembro do 809º Ano, faleceu no Sábado de Aleluia do 821º Ano <509 d.C.>.

§16. Paulo, ordenado no 821º Ano, foi exilado no dia 27 de julho do 823º Ano <511 d.C.>.

§17. Asclépio, ingressou em Edessa no dia 23 de outubro do 824º Ano <512 d.C.>, faleceu em Antioquia no dia 27 de junho do 826º Ano <514 d.C.>. E no oitavo dia de março do 827º Ano <515 d.C.>, passados oito meses do falecimento de Asclépio, Paulo ingressou novamente em Edessa, falecendo no dia 30 de outubro do 838º Ano <526 d.C.>.

§18. André, ingressou em Edessa no mês de fevereiro do 839º Ano <527 d.C.>, faleceu no dia 6 de dezembro do 844º Ano <532 d.C.>.

§19. Addî, ingressou em Edessa no dia 28 de agosto do 845º Ano <533 d.C.>, faleceu no 852º Ano <540 d.C.><sup>46</sup> Posto que há um problema no relato de seu governo na *Crônica* de Edessa, o que aqui se menciona foi tirado exclusivamente do relato de Dionísio.<sup>47</sup>

§20. Jacó Baradeus, tornou-se bispo no 852º Ano, sucedendo a Addî de Edessa. Também dito *Zanzálo*, dele foi derivado o apelido de *jacobita*. Colocando-se junto de Sérgio, que reivindicava o Patriarcado

<sup>45</sup> Ver nota n. 32 *supra*.

<sup>46</sup> Assemani escreveu, de fato, que Addî teria ingressado em Edessa no fim de agosto do 844º Ano <532 d.C.>, o que significaria que teria feito tal coisa antes do falecimento de seu predecessor. Como, apesar de sua notável atenção mesmo aos pequenos detalhes e sua prolixidade explicativa, não acrescentou a este fato nenhum comentário ou explicação, penso que se tratou de simples erro de redação ou impressão, que aqui tomo a liberdade de corrigir.

<sup>47</sup> Não consegui identificar a qual problema Assemani faz aqui referência.

de Antioquia da parte dos monofisitas, contra Efrém, o patriarca dos antioquenos católicos, defendeu esse grupo e atacou o Concílio de Calcedônia com tanto ardor que aqueles que antes chamaram a si mesmos de *Acéfalos*, por admitirem que não tinham chefes na Mesopotâmia ou na Síria, tomaram-no por seu principal guia e modelo e assumiram o apelido de *jacobitas*. Após a morte de Sérgio, que primeiro governou o patriarcado jacobita depois de Severo, ele mesmo ordenou Paulo, determinando que o sucedesse, enquanto Anastácio presidia os católicos <i.e. os calcedônicos>. Jacó morreu no 889º Ano dos Gregos <577-578 d.C.>. Dele, Dionísio escreve o seguinte: “No 889º Ano, morreu Mâr Jacó em Fsiltâ; e também Mâr João, bispo de Amida, que foi substituído nesta diocese por Mâr Ciríaco. Em Edessa, Mâr Severo foi ordenado como substituto a Mâr Jacó.” Fsiltâ é nome do mosteiro onde Jacó viveu como cenobita antes de tornar-se bispo de Edessa, e no qual passou seus últimos dias e morreu.

§21. Severo, ordenado no 889º Ano, faleceu no 914º Ano <602 d.C.>. Dele, Dionísio escreve o seguinte: “No 914º Ano, quando Narsés, comandante do exército persa, conquistou a cidade de Edessa, ordenou que Severo, o bispo assentado na cátedra instalada na mesma, fosse morto por apedrejamento.” E, quando ele foi morto dessa forma, o governo do bispado ficou vago, assim permanecendo enquanto a cidade esteve sob o controle dos persas; aparentemente até o 939º Ano do cômputo dos gregos, equivalente a parte do 627º e do 628º ano depois do nascimento de Cristo, de acordo com os relatos de Teófanos <Confessor> e <Jorge> Cedreno. De acordo com este segundo; “então o imperador Heráclio marchou para Edessa e aí restaurou as igrejas aos ortodoxos, <pois> haviam sido usurpados pelos nestorianos, sob o mandato de Cosroés.” E <Jorge> Elmacino <i.e. Jîrjîs al-Makîm ibn al-‘Amîd> (*Hist. Sarac.*, p. 14) acrescenta: “Então Heráclio dirigiu-se para a cidade de Rubam <i.e. ar-Ruhâ, i.e. Edessa> e deu ordem para que os cristãos que ali moravam retornassem sem demora da seita dos jacobitas para a Igreja Ortodoxa; e assim eles o fizeram.” Os três bispos seguintes da cidade foram ortodoxos, a saber, por seus nomes, Simeão, Ciríaco e Tiago, conforme indicarei logo em seguida.

§22. Simeão, ordenado no 939º Ano <637 d.C.>, falecido no 961º Ano <649 d.C.>. Dele, Dionísio escreve o seguinte: “No 961º ano, faleceu o santo Mâr João, Patriarca de Antioquia” – aparentemente, um jacobita – “e foi sepultado em Amida, na Igreja do Santo Mâr Ze’ôrâ. E no mesmo ano faleceu também o santo Mâr João, bispo dos árabes, e foi sepultado na mesma cidade de Amida, mas na Igreja de São João Batista. E no mesmo ano faleceu ainda o santo Mâr Simeão, bispo de

Edessa, enquanto estava em Amida; e foi sepultado igualmente na Igreja de Mâr Ze'ôrâ." Zacarias de Mitilene também se recorda desta igreja em sua *Crônica* (*Cod. Syr. Vat.* 24, fol. 86r), onde, descrevendo a conquista de Amida pelas tropas persas chefiadas pelo rei Cavades, testemunha que os comandantes romanos, para recuperá-la e preservá-la, empenharam os mais zelos esforços no sentido de ocupar o portão da cidade que estava junto dela e "que era chamado de Mâr Ze'ôrâ". Deve ser observado que este São Ze'ôrâ, sepultado em Amida, cuja igreja erguida sobre seu túmulo já estava concluída no ano 500 d.C., não deve ser confundido com o herético homônimo, que vivia ainda quase cinquenta anos depois e foi condenado, em 546 d.C., em um sínodo constantinopolitano sob a presidência do Patriarca Menas, juntamente com o predecessor deste, Ântimo. Anteriormente afirmei que se tratavam os dois da mesma pessoa, mas estava errado nisso.<sup>48</sup>

§23. Ciríaco, de quem escreve Dionísio: "No 962º Ano <650 d.C.>, Mâr Teodoro foi feito Patriarca de Antioquia, enquanto Ciríaco foi constituído bispo de Edessa." E mais adiante: "No 988º ano <676 d.C.>,"

<sup>48</sup> O verbete sobre Constantinopla no *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* (Di Berardino, 2002, p. 335) não registra a realização de um sínodo nesta cidade em 546, mas apenas em 536 e em 543. No primeiro, por influência do papa Agapito de Roma (r.535-536), recém-chegado à capital do Império Romano do Oriente, e de muitos monges calcedônicos da mesma cidade e entorno, depôs-se o patriarca Ântimo de Constantinopla (r.535-536), circunstância que teria sido determinada pela ilegitimidade de sua transferência episcopal desde Trebizonda e suas afinidades miafisitas. Diante da recusa de Ântimo em apresentar-se nesta assembleia para defender-se ou justificar-se, ele foi excomungado com diversos de seus seguidores. Em seu lugar, Agapito e Pedro de Jerusalém (r.524-544), consagraram Menas como Patriarca de Constantinopla. Este, por sua vez, presidiu o sínodo de 543, realizado por direto pedido do imperador Justiniano, que procurava obter endosso eclesástico às suas críticas a certas posições derivadas da teologia de Orígenes (c.185-253), que encontravam boa aceitação em muitos meios monásticos siro-palestinos de então. Uma carta redigida pelo monarca a respeito, que terminava com dez anátemas relativos a certos aspectos da reflexão origenista, foi aprovada nesta assembleia como ortodoxa, e os adeptos de tais ideias, por conseguinte, condenados como heréticos. Esta carta não se confunde com a que Justiniano enviou ao Segundo Concílio de Constantinopla (553), também essa de conteúdo antiorigenista, mas diversos autores entenderam-na como um dos *documentos de trabalho* dessa reunião dez anos mais tardia. Infelizmente nenhum registro primário dos sínodos de 536 e 543 sobreviveu, mas, dadas as informações apresentadas por Assemani, bem se pode assumir que, apesar do erro de datação deste autor, o Ze'ôrâ herético foi condenado na fase final do sínodo de 536, com Menas já consagrado Patriarca de Constantinopla, tanto por apoiador de Ântimo como por miafisita.

faleceu Mu'âwiya, rei dos árabes, que foi substituído por Yazîd, seu filho, que reinou por três anos e meio; enquanto, em Edessa, tornou-se bispo Mâr Tiago, em substituição ao falecido Mâr Círíaco.”<sup>49</sup>

§24. Tiago, apelidado de o Tradutor, ordenado no 962° Ano <650 d.C.>. Sob o governo eclesiástico deste, a antiga Igreja de Edessa foi destruída por um terremoto, conforme relata Dionísio pelas seguintes palavras: “No 990° Ano <678 d.C.>, no dia 3 de abril, um domingo, ocorreu um grande e poderoso terremoto, que fez com <a cidade de> Baṭnâ Sarûgh e a antiga Igreja de Edessa desabassem, matando grande quantidade de pessoas que nelas se encontravam.” Faleceu no 1021° Ano <709 d.C.>, segundo o mesmo Dionísio assinala: “No 1021° Ano, tendo falecido o santo Mâr Tiago, bispo de Edessa, foi nomeado em seu lugar Mâr Abib.”

§25. Abíb, ordenado no 1021° Ano, do qual Dionísio trata ao se referir aos acontecimentos do 1032° Ano <720 d.C.>: “É justo que os sacramentos sejam oportunamente escondidos dos poderosos, para que sejam assim preservados; mas as maravilhas de Deus devem ser anunciadas sempre, em todos os momentos e locais, tornadas conhecidas a todos. De fato, isso considerando, não será despropositado ou pouco inspirador se fizermos, neste ponto, chegar ao conhecimento de nossos leitores um prodígio realizado por Deus nestes mesmos nossos dias, através de um de seus apóstolos, por meio da candente virtude que acende sobre as cabeças daqueles que o amam. Alguns árabes, nos dias em que sua nação invadiu as terras dos romanos, chegaram ao Mosteiro de Santo Abel, construído em um campo próximo de Edessa, aí pediram abrigo e permaneceram por certo tempo. Neste local, conforme já escrevemos, ao travar contato com o zelador do mosteiro, tendo-se convencido de que ele era um homem piedoso, humilde, bondoso, adornado com todas as divinas virtudes, entregaram-lhe em confiança uma grande quantidade de ouro, para

<sup>49</sup> Há uma dificuldade na cronologia aqui apresentada por Assemani a partir de sua leitura da *Crônica do Pseudo-Dionísio*. De acordo com os cronistas do Califado, Mu'âwiya faleceu no mês de Rajab do 60° Ano da Hégira, enquanto outros autores situam sua morte em 681 ou 682 d.C., o que equivaleria ao 993° ou 994° AG - aparecendo, portanto, o 988° AG como uma data muito recuada para esse acontecimento. Também o dia e o mês de sua morte são diferentemente referenciados. Por outro lado, contudo, normalmente há concordância com o fato de que seu filho, Yazîd, foi designado como seu herdeiro em 56 AH, o que equivaleria a 678 ou 679 d.C., ou ao 990° ou 991° AG, e que assumiu o trono apenas poucos dias depois da morte de seu pai. Também que permaneceu como califa por três anos e meio, até que morreu em sua residência favorita, em Huwwârîn, no deserto sírio, em data e circunstâncias não muito claras.

que a guardasse. E diziam entre si: 'Este depósito foi feito a um homem devoto e confiável; caso aqui consigamos retornar, receberemos o que nos é de direito.' E partiram, enquanto o monge escondeu aquele tesouro em um lugar secreto, em um buraco no chão, sem permitir que ninguém mais testemunhasse esse ato ou confiando a qualquer outra pessoa o segredo a isso referente. Os árabes passaram cerca de três anos em combates nas terras dos romanos, e, passado este período, Deus dispôs que aquele monge morresse em santa paz, livrando-o dos fardos deste mundo; e nenhum de seus confrades sabia aquilo que havia recebido daqueles estrangeiros. Quando os sarracenos retornaram ao mosteiro, os monges que aí estavam disseram-lhes que aquele a quem procuravam, antes porteiro e zelador, havia morrido pouco antes de chegarem. Quando eles, insistindo, contaram-lhes tudo o que havia se passado, mencionando o ouro que haviam ali depositado, os monges disseram que não sabiam nada de tal assunto, pois não ouviram nada deste tipo do falecido religioso, aquele que recebeu o tesouro para custodiá-lo, nem testemunharam seu ato de escondê-lo além da cobiça dos homens. Então um dos sarracenos, homem dos mais respeitados dentre seu povo, instou ferozmente os monges a respeito disso, ameaçando que, a menos que o ouro lhe fosse devolvido sem demora, ele mesmo providenciaria que fossem dispersos pelo mundo e o mosteiro derrubado." O mesmo autor prossegue o relato descrevendo o crescente de consternação dos monges quando ficou claro que aquele chefe muçulmano não poderia ser convencido, nem por oração, nem pelos mais fervorosos juramentos, a acreditar que não estavam lhe tentando fraudar, mas que o assunto era como os monges lhe contaram. Então o bispo de Edessa, que havia vivido naquele mesmo claustro antes do episcopado, dirigiu-se sem mais demora ao cemitério do mosteiro, onde também aquele zelador havia sido sepultado. "E ali", continua Dionísio, "o bem aventurado bispo, prostrando-se junto ao túmulo daquele monge, elevou muitas preces a Deus; depois da oração, queimou incenso naquele local, e acrescentou a doce fragrância das lágrimas do seu coração à oferta de devoção que fazia diante de seu Salvador. Em seguida, aproximando-se da tampa do sepulcro com fé firme, com a confiança em Deus que sustenta as virtudes e opera prodígios divinos, disse em alta voz: 'Irmão, levanta-te em nome de nosso Senhor!' E ele se ergueu de um salto e permaneceu de pé, com um semblante tão sereno e contente quanto o que tinha antes de ter sido oprimido pela corrupção do túmulo. Então, ao ser questionado por São Abíb a respeito daquele assunto do tesouro, sobre onde havia depositado o ouro dos árabes, rapidamente indicou o local apropriado. E o bispo



cavou a terra, encontrou todo o ouro que havia sido confiado ao monge e devolveu sem perda aos sarracenos aquilo que havia encontrado.”

**§26.** Constantino, sobre quem Dionísio escreveu o seguinte: “No 1040º Ano <728 d.C.>, morreu o santo Mâr Abîb, bispo de Edessa, que foi sucedido por Constantino.” Sob o governo eclesiástico deste, no 1054º Ano <742 d.C.>, Edessa foi inundada pela quinta vez e teve seus de muros e muitos edifícios destruídos pelas águas. Ele faleceu no 1065º Ano <753 d.C.>.

**§27.** Timóteo, que foi bispo de Edessa do 1065º Ano até o 1072º Ano <760 d.C.>. Ele foi um dos que tomou partido do patriarca Jorge contra João e os seus sequazes, como testemunhado por Dionísio no relato referente ao 1065º Ano, no qual descreve o cisma que surgiu entre os jacobitas por ocasião da consagração do mesmo Jorge.

**§28.** Simeão, a quem Dionísio elogiou pela sua caridade para com os pobres e os andarilhos, tendo nascido e sido criado na vila de Qîdûn <Chîdôn>, onde levava uma vida monástica, conduziu-se para Edessa por ordem do patriarca Jorge, e foi por este forçado a assumir a cátedra episcopal dessa cidade. Quando foi exaltado como pontífice, demasiado escrupuloso em relação aos cuidados com sua salvação e tão acostumado a curvar-se em meditação que mal conseguia se dar a conhecer ao rebanho que lhe havia sido confiado, estava disposto a voluntariamente e de bom grado abrir mão do fardo que a honra do episcopado lhe significava. Providenciou então para que fosse essa transmitida a Anastácio, certo monge etíope que se encontrava na cidade, cuja excepcional probidade havia tomado conhecimento por revelação divina, e que estava certo de que seria o homem digno para substituí-lo. Este religioso, contudo, nunca poderia ser persuadido a admitir uma tal dignidade para si mesmo. Tendo sido enganado e capturado pelos edessinos, que pretendiam conduzi-lo mesmo à força na manhã do dia seguinte à ordenação episcopal, conseguiu fugir na calada da noite e nunca mais foi visto. Logo depois, o próprio Simeão o imitou, fazendo o mesmo; retirou-se em segredo para uma montanha próxima de Samósata, na qual passou o resto de sua vida em jejum e oração, acolhendo os andarilhos que passavam pelos caminhos próximos e trabalhando para aliviar a pobreza de todos os necessitados da vizinhança, até que morreu em paz.

**§29.** Zacarias, monge, também estilita, expulso de Edessa no 1080º Ano <768 d.C.>.

**§30.** Elias sucedeu a Zacarias no mesmo ano. Dele, Dionísio escreve o seguinte: “No 1080º Ano, saiu Zacarias do bispado de Edessa, e foi substituído por Elias, do Mosteiro de Qartmîn, homem lisonjeiro e cruel,

que cobria seus olhos diante dos mandamentos de Deus. Por causa disso, tornou-se bispo de Edessa, mas não foi jamais digno do episcopado. Como ele não foi admitido na cidade pelos fiéis, não há porque contar o que se fez dele depois de sua ordenação, de modo que decidimos passar tais acontecimentos em silêncio. Basta pontuar que, assim, Edessa ficou certo tempo sem bispo.” É isso o que nos conta Dionísio.